


MEMÓRIA E HISTÓRIA: ITINERÁRIO INTELECTUAL DE UM HERMES UNIVERSAL NO NORDESTE BRASILEIRO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-251>

Data de submissão: 15/04/2025

Data de publicação: 15/05/2025

Vania de Vasconcelos Gico

Doutora em Ciências Sociais- Antropologia. PUC-São Paulo.
PhD em Sociologia da Cultura, Criação e Gestão do Conhecimento - Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
Docente/Pesquisadora do Laboratório de História e Memória (LAHMED).
Centro de Educação- Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

RESUMO

Aborda-se a correspondência de Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) enquanto fonte de pesquisa para sua produção intelectual que consta de livros, coletâneas, biografias, capítulos de livro, folhetos, artigos, discursos, conferências, prefácios de livros, verbetes, entrevistas e uma correspondência estimada em mais de três mil cartas. Discute-se sua obra, que percorre um itinerário permissor da compreensão da historicidade e da cultura como processos sociais, o que o põe entre os intérpretes da formação cultural brasileira a partir dos anos 20, quando, tais discussões destacam-se no cenário intelectual dos seus pensadores. Analisa-se o estilo da obra cascudiana, bem como a multiplicidade de fontes e dados para elaborar sua escritura, evidenciando-se sua correspondência precatória, como por fim consagrou chamar as cartas que solicitava informações de pesquisa aos amigos, colegas pesquisadores e instituições. Solicitava tudo que precisava para escrever seus livros e não estava ao seu alcance geográfico: informações de bibliotecas, arquivos, museus, dados de família e profissional dos estudiosos que estava referenciando e até mesmo coleta de dados de pesquisa de campo, eram pedidos e lhe vinham por correspondência dos amigos escolhidos em Estados brasileiros ou em pontos estratégicos do exterior, para fornecer-lhe tais informações. Detalhava os pedidos, orientando o levantamento dos dados e indicando as minúcias que desejava para cada assunto que estava ocupado, discutindo as nuances da memória, da história e do folclore/ etnografia, faces de um mesmo todo, como no caso do folclore que além de perpassar todo o processo criativo, destacou o conjunto da obra. Também compunham esta correspondência as dificuldades, dúvidas e estágios de desenvolvimento dos assuntos que vinha estudando. Desse modo suas missivas eram um veículo singular de disseminação da informação, divulgação e recebimento de notícias editoriais, já que, ele próprio, estava tão distante dos ciclos mais ativos das discussões em voga neste campo. Não obstante essas condições socioculturais restritivas da geração do recado, em que se situava, praticou sua interlocução sem sair da sua cidade Natal- capital do Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil, publicando e atuando também fora da província, inclusive noutros países, mantendo-se atualizado com a produção literária de vários quadrantes do mundo, a partir do intercâmbio de cartas enquanto meio de comunicação. Daí porque toma-se aqui o Hermes como a metáfora universal do mensageiro, para tratar das epístolas cascudianas, uma vez que ele próprio dedica aos deuses dois dos seus livros: Meleágro e Anúbis.

Palavras-chave: Itinerários Intelectuais. Escrita Epistolar: Câmara Cascudo. Intérpretes do Brasil: Câmara Cascudo.

1 INTRODUÇÃO

No estudo dos *itinerários intelectuais*, as cartas permitem o acesso a experiências compartilhadas de diferentes formas de intercâmbio, pensamentos e debate intelectual, como as considerava Câmara Cascudo. Para ele, as cartas, sua *correspondência precatória*, eram suporte de pesquisa, fonte de dados, intercâmbio e registro do cotidiano vivido, numa época em que o correio eletrônico ainda não se instalara na vida das pessoas, substituindo, muitas vezes, a fortuna das cartas entre estudiosos. Sua produção epistolar, portanto, tornou-se um veículo singular para disseminação da informação, divulgação e recebimento de notícias editoriais, já que ele próprio estava tão distante dos ciclos mais ativos das discussões em voga neste campo, e hoje, um riquíssimo acervo para estudo do seu percurso intelectual.

Desse modo, toma-se aqui o Hermes, como a metáfora universal do mensageiro, para tratar das epístolas cascudianas, uma vez que, ele próprio dedica aos deuses dois dos seus livros: *Meleágro* e *Anúbis*, além de artigos e uma parte deste último livro, ao próprio Hermes em Acaia.

Na mitologia greco-romana, quando nasceu Meleágro, uma fada revelou que a duração de sua vida seria a mesma que a de um tição que estava a arder. Em vista disso, sua mãe Alteia, apagou o tição e o guardou cuidadosamente. Quando homem, tomou parte na expedição dos argonautas e, mais tarde, matou o javali de Calidonte, terra do reinado do seu pai Êneo. Mas, como ao golpear a fera, já a encontrasse ferida, pela bela caçadora Atalanta, Meleágro, cheio de admiração pela encantadora jovem, ofereceu-lhe o seu amor e ofertou-lhe a cabeça do monstro. A esta dádiva se opuseram os seus tios maternos que, por haverem também tomado parte na caçada, pretendiam para si o troféu da vitória. Renhida luta travou-se então, entre sobrinhos e tios, na qual caíram estes mortalmente feridos. Alteia, exasperando-se com a perda dos irmãos, em contida explosão de cólera, atirou o tição ao lume. O filho passou então a ser devorado por um fogo secreto, definhou e, finalmente, exalou o último suspiro (BULFINCH, 1999). Para Cascudo, Meleágro era “nome pedante para justificar feitiço da Grécia em mão africana”, dando tal título aos seus estudos de

magia branca, analisando-a desde as velhas civilizações da Grécia e de Roma, mostrando o que é catimbó e as diferenças que apresenta em relação à Macumba e ao Candomblé, estudando o mau-olhado, o quebranto, os amuletos, o feitiço, o despacho, a coisa feita, o ebó, a muamba. Ocupa-se largamente da flora medicinal dos feiticieiros, de remédios repugnantes, de fumigações; do emprego do sangue, da saliva, do sopro nos sortilégios da magia, indo até o envoltamento, o transe, a possessão, a intervenção de espíritos (CASCUDO, 1978 p. 11).

A representação de Anúbis em forma de homem com cabeça de chacal, é uma das imagens mais perturbadoras da arte egípcia. Deus do além-túmulo da religião egípcia, era o encarregado dos ritos funerários, tais como o embalsamento dos cadáveres e a condução das almas à presença de Osíris,

que o substituiu no fim do império antigo. Mestre dos cemitérios, a missão de mostrar a trilha que levaria os mortos até o além, valeu a Anúbis o nome de “guia dos caminhos” (BULFINCH, 1999).

Cascudo atribui-lhe ainda a guarda da Casa Eterna dos Mortos, a direção das pompas mortuárias, como a última homenagem ao cadáver, a custódia, a vigilância e a guarda dos defuntos, defendendo-lhes a morada. Desse modo, sentiu-se bastante confortável para intitular seu livro que registra “o culto do morto”, relatando usos e costumes utilizados no pós-morte do corpo e destino da alma em civilização européia, confrontados com o comportamento brasileiro, em especial do Nordeste. “Os trinta e um temas estudados foram encontrados na vida cotidiana do povo brasileiro” (GICO, 1996, p. 41).

Se Anúbis era encarregado dos ritos funerários, Hermes conduzia os mortos para o mundo subterrâneo. Mensageiro dos deuses, protegia os viajantes e era também o Deus da eloquência e da versatilidade, características atribuídas ao desempenho intelectual de Câmara Cascudo, principalmente no que se refere ao intercâmbio de ideias através das cartas que trocavam saberes, cartas que ensinavam, cartas que aprendiam, cartas que viajavam levando mensagens e cartas que hoje poetizam o cotidiano, transportando o imaginário de meados do século XX para a nossa realidade, semeando-os mutuamente, como se fossem vozes (Oráculos) do Deus Hermes enquanto intérprete no templo de Acaia.

Hermes, o Mercúrio dos romanos, possuía em Acaia um templo onde se manifestava respondendo às consultas dos seus devotos pelo meio interessante dos oráculos. O consulente, depois das purificações rituais, sussurrava nos ouvidos do Deus o seu desejo secreto, na esperança de obtê-lo e os direitos que tinha para fazer a súplica. Levantava-se com as mãos nas orelhas e caminhava até o átrio do templo, aí chegando tapava os ouvidos e esperava até ouvir as primeiras palavras de um transeunte qualquer. Estas eram a resposta do Deus, a sua decisão (CASCUDO, 1999, p. 20).

Cascudo, ouvindo a palavra pensava a tradição, e a partir dos anos vinte, no Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil, começou a dar forma a sua produção intelectual. Eleito intelectual do século, em 2001, era capaz de transformar em livros as fontes que estava sempre às voltas, fossem elas arquivos, bibliografias ou fontes primárias, nas quais pesquisava, sistematicamente, a terra, a gente, a geografia, os governos, as circunstâncias e os acontecimentos que falam e contam a história cultural do século XX, envolvendo-se nas encomendas para escrever obras oficiais, como a *História da Cidade do Natal*, nos intercâmbios, nos estudos e pesquisas, artigos e exercícios profissionais. Dedicou toda uma vida aos problemas da cultura universal, nos campos da etnografia e do folclore, da história e da memória.

Entretanto na escritura de Câmara Cascudo as nuances da memória, da história e do folclore/etnografia são faces de um mesmo todo, como no caso do folclore que além de perpassar todo o seu processo criativo, destacou o conjunto da obra. Tais nuances compõem, um mosaico com diversas temáticas, como se fossem elementos de formas e cores variadas, cujos limites desenham uma espécie de rede, um conjunto de nós ligados por conexões, um hipertexto, no sentido que Pierre Levy empresta ao termo. Para navegar nesse universo, possuía uma biblioteca particular de mais de quinze mil volumes para perder-se entre eles e reencontrar-se com seus próprios textos. Quando julgava seu trabalho, afirmava não possuir um livro mais importante do que outro. Dizia que cada livro seu era uma informação e naturalmente uns eram melhores do que outros.

Como escritor, Luís da Câmara Cascudo foi motivado por dois impulsos originários. Um mais acadêmico/formal, outro mais *contaminado* pela subjetividade e pela criação. O aprofundamento na leitura da obra permite entrever que esse diálogo se encontra presente na construção da escritura de seus textos, denunciando sua emoção e sensibilidade, intuição e conhecimento. Mesmo que se reconheça a presença mais nítida do referente mítico-simbólico nos livros mais acadêmicos/formais, e do referente lógico-racional nos textos elaborados com maior paixão, os dois itinerários se retroalimentam constantemente. Assim, legou especialmente ao Rio Grande do Norte, no breve século XX, que o encantou por conhecê-lo, menino, rapaz e velho, uma extensa produção intelectual.

Nos estudos da história cultural foi conduzido à margem da ciência, principalmente por registrá-la através do imaginário das lendas e superstições, dos mitos e “causos”; baseando-se, sobretudo, nos depoimentos orais como fonte de dados. Exercia, portanto, suas funções de historiador sem o rigor do argumento crítico das fontes históricas e do estilo científico preestabelecido, o que demonstrava tanto na escritura quanto na fala. Impunha-se confortavelmente em tal posição, afirmando que descobriu a tempo o perigo de se filiar a uma corrente ou a um pesquisador, o que implicava em aceitar também os defeitos dele. Por isso, a melhor escola era a liberdade (CASCUDO, 1984).

Certamente, há muitas maneiras de ver as coisas, e nem todos seguem a mesma direção. Se muitos permanecem ainda aferrolhados na ordem racional, outros já abrem largas janelas para a ordem do imaginário, para obras elaboradas com outro teor criativo, sem por isso desprezarem a razão. O imaginário, de fato, teve baixo crédito durante muito tempo entre os cientistas, embora a cientificidade seja a parte emersa do *iceberg* profundo da não cientificidade, e o homem não se defina somente pela técnica e pela razão. Define-se também pelo imaginário e pela afetividade, o que possibilita acessar um pensamento mítico-simbólico/lógico-racional, construtor de um pensamento complexo, “um

pensamento que relaciona o que, tendo origens diversas e múltiplas, forma um tecido único e inseparável: *complexus*”. (MORIN, 1994, p. 176)

A articulação deste pensamento duplo e o exercício de idéias mestiças percorrem toda a obra cascudiana, e o caráter híbrido que a conforma. Suas fontes de pesquisa são sempre múltiplas; ao lado de autores clássicos, citados muitas vezes no original, desfilam citações bíblicas, cartas como fonte de pesquisa, estórias recolhidas do povo, ou lendas da tradição.

Seu estilo caracteriza-se pela linguagem original e espontânea, por vezes coloquial, mesmo quando discute conceitos teóricos. Mesmo tendo pleno domínio de várias línguas estrangeiras, dizia que só falava bem o português e a primeira coisa que descobria quando chegava noutro país, era que não sabia falar a língua deles. Entretanto, essa fluência facilitou suas viagens à Europa, à África e à América Latina, para ver, observar, anotar e coligir material para seus estudos e proferir palestras e conferências.

Na sua produção intelectual, a pesquisa bibliográfica, documental e os depoimentos orais foram sua grande arma de pesquisa. Nos anos vinte, início da sua vida intelectual, já era admirado por usar para registro de informações as fichas de pesquisa e de aula, e como uma das fontes de dados, a troca de documentos e o microfilme, recursos didáticos que se tornariam comuns posteriormente.

Para viabilizar as informações para suas obras numa cidade ainda provinciana realizava *inquéritos diretos* e escrevia cartas aos amigos, usando-as sempre como fontes de pesquisa. Nessa *correspondência precatória*, o assunto principal eram os livros que estava escrevendo, seus editores, seu cotidiano, suas idéias e assuntos culturais da cidade. Para ele, “toda correspondência é importante. A mais banal relata a normalidade do espírito. Nenhum livro de Machado de Assis, de Flaubert, de Monteiro Lobato constitui depoimento mais relevante do que as suas cartas particulares...” (CASCUDO, apud MELO, 1989, p. 17).

Seu processo de criação, exigia, sempre, o silêncio da noite. Passava o dia pesquisando, recebendo visitas, fazendo *pesquisa de campo*. Escrevia de uma única vez. Não fazia borrões, nem remontava textos. Criava embalando-se numa rede. Quando se levantava, estava com o texto pronto, e passava-o direto para a máquina de escrever. Dali, ia para os editores. Não guardava consigo rascunhos nem originais. Às vezes, quando os destinatários ou mensageiros perdiam seus escritos, fazia outro texto, se estivesse inspirado. Caso contrário, desistia e denunciava a perda nas correspondências aos amigos.

Entre tantas alternativas que elegia como fonte de pesquisa, uma das mais importantes foi a sua correspondência. Nominava as cartas em que solicitava informações de pesquisa aos amigos, colegas pesquisadores e instituições de “*inquéritos diretos*”, “*cartas perguntadeiras*” e

correspondência precatória, como por fim consagrou chamá-las. Enquanto suas agendas (cadernetas de notas) guardavam anotações pessoais, as cartas eram textos sempre destinados aos outros. Mesmo sendo uma característica comum das cartas, para Cascudo constituíam, uma maneira de mostrar-se a si próprio, como fez em tantas outras passagens da sua obra. A escrita de si mesmo, chegou inclusive, a particularizar suas *memórias* nos livros: *O tempo e eu. Ontem. Na ronda do tempo e Manual do doente aprendiz*.

Deste modo, sua *correspondência precatória* tanto fala do seu cotidiano particular e da família, quanto da produção da sua obra. Neste caso solicitava abertamente tudo que precisava para escrever seus livros e não estava ao seu alcance geográfico: informações de bibliotecas, arquivos, museus, dados de família e profissional dos estudiosos que estava referenciando e até mesmo coleta de dados de campo, eram pedidos, e lhe vinham por correspondência das “vítimas indefesas”, como costumava apelidar amigos escolhidos em Estados brasileiros ou em pontos estratégicos do exterior, para fornecer-lhe tais informações. Detalhava os pedidos, orientando o levantamento dos dados, e indicando as minúcias que desejava para cada assunto que estava ocupado.

Também compunha esta correspondência as dificuldades, dúvidas e estágios de desenvolvimento dos assuntos que vinha estudando. Desse modo suas missivas eram um veículo singular de disseminação da informação, divulgação e recebimento de notícias editoriais, já que, ele próprio, estava tão distante dos ciclos mais ativos das discussões em voga neste campo. Não admitia a falta de compromisso para “responder cartas” e manifestava publicamente sua opinião, como fez em sua coluna do jornal *A República* de julho de 1943:

Um dos nossos hábitos comodistas é não responder cartas ou retardar indefinidamente a satisfação desse dever. Há, naturalmente, cartas que só merecem silêncio. Outras exigem o cumprimento imediato. São consultas, por exemplo, que esclarecerão dúvidas. São informações para quem está estudando um assunto. Raramente, muito raramente, registro uma falta de resposta. Houve, entretanto, anos passados, um episódio digno de registro. Estava eu escrevendo O MARQUEZ DE OLINDA E SEU TEMPO, que a “Brasileira” de S. Paulo publicou. Ia juntando documentos, adquirindo livros, forjando o ambiente, sem bibliotecas e arquivos. Numa manhã registei quatro cartas. Uma para o Prefeito de Polícia de Paris, mr. Chiappe. Outra para o Príncipe Max de Saxe, professor na Universidade de Basileia. Outra para o prof. Fezas Vidal, Reitor da Universidade de Coimbra. A última, para o Rio de Janeiro, era a mais próxima e mais fácil. Tratava-se de um exemplar de uma publicação oficial, comprada, dada ou emprestada. O destinatário, grande político, com uma tradição de polidez e de inteligência, compreenderia tudo. “Recebi respostas da Suíça, da França e de Portugal. Recebi quanto pedira, relatório, notas, cópias autenticadas, com frases amáveis e cativantes”. Do meu patrício brasileiro, o político amabilíssimo, nunca me chegou às mãos uma linha sequer.” Não espero mais porque ele morreu”. Está perdoado e creio que Deus fez o mesmo para com su’alma...

A correspondência pessoal de Câmara Cascudo foi material rico enquanto fonte de dados para suas pesquisas e mantinha-o em contato com os principais intelectuais do país e do exterior,

atualizando-o e possibilitando a obtenção de informações para sua obra. As cartas de Mário de Andrade para Câmara Cascudo publicadas em 1991 são acompanhadas de entrevista ao organizador informando os escritores com os quais mantivera mais intensa correspondência: “Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Nilo Pereira, Cassiano Ricardo e Monteiro Lobato. Deste último, acrescentou que deveria ter mais de duzentas cartas. O maior volume de correspondência internacional deu-se com Artur Coelho, em Nova York e Perry Vidal, em Lisboa, na época, diretor da Biblioteca da Ajuda” (MELO, 1991, p.26).

As mensagens enviadas para Thadeu Villar de Lemos-Thaville, (LEMOS, 1972) sela a amizade entre eles, e perdurou ao longo do tempo, a ponto de os netos de Cascudo também chamá-lo e considerá-lo avô. No período da correspondência divulgada, 1966-72, morava em Niterói e das centenas de cartas remetidas, Cascudo só autorizou para publicação 62 delas, as quais trazem mensagens afetivas e particulares. Embora retiradas aquelas de “natureza crítica, de história ou de folclore” transparece na leitura a preocupação com a obra e com a vida intelectual, como sua recusa em candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, (Carta, 1.3.68) com a qual nunca iria “casar-se, só ficar noivo”, e o tombamento da sua biblioteca particular (Carta, 11.4.72). O amigo distante também acompanhava sua saúde, o crescimento físico e intelectual dos netos, bem como seu cansaço com as visitas incessantes (Carta, 22.7.72) e os pedidos de dados. “Tenho aqui nove cartas solicitando informações que tomariam meses. Nenhum pensou no trabalho duplicado que deseja receber, imediato, jubiloso, de um velho de 74 anos. Lógico que não poderei atender a todos” (Carta, 1.9.72).

Quando fazia pedidos de livros enviava aos amigos dinheiro extra para compra de novos títulos publicados e despesas com o correio, além dos envelopes já preparados para postagem do retorno. Assim, mantinha-se atualizado com a produção literária e muitas vezes, lia o livro, a publicação, antes da sua entrada em circulação nacional.

Sua correspondência com o historiador Raimundo Nonato - compilada por Raimundo Soares de Brito (1986) - do qual leu livros no original e fez-lhe prefácios, traz também este traço da aquisição bibliográfica via correio. Residindo no Rio de Janeiro, desde 1962, o amigo estaria entrosado no assunto, e conhecia as limitações do comércio livreiro do seu Rio/Natal. As cartas recebidas por Nonato, no período de 1972 a 1979, totalizaram 42 missivas e, após a morte de Cascudo, foram enviadas para o arquivo da Biblioteca da Fundação “Guimarães Duque”, em Mossoró, RN, que as publicou através da “Coleção Mossoroense”.¹ Mostram, também, o Cascudo cordial que confessa acontecimentos pitorescos, mas sobretudo preocupado com sua obra, editoração e divulgação dos

¹ “Coleção Mossoroense” projeto de publicação em série subsidiadas pela Fundação Guimarães Duque e Escola Superior de Agronomia de Mossoró-ESAM, Mossoró/RN.

livros e suas buscas de dados. Neste caso destaca-se o pedido de investigação no Rio de Janeiro para o livro que estava elaborando: *Superstição no Brasil* (ou crença do povo, advertia).

Mostrando características semelhantes, são publicadas as cartas de Câmara Cascudo para Francisco de Vasconcelos, Sílvio Júlio e Maria Elvira, todos residentes em Petrópolis/RJ. A amizade entre Cascudo e Vasconcelos é iniciada com a visita deste à Natal, em janeiro de 1964, e direcionada pelo “interesse comum pelas coisas da história, do folclore e da literatura”. O intercâmbio dá-se espaçadamente entre 1964-78 quando discorrem sobre o folclore, inicialmente, a partir do livro *Tradições populares da pecuária nordestina*, e até 1985 já intermediado por D. Dália, sua esposa, pois já estava quase sem enxergar (Faleceu em 1986). Cascudo registra em carta a Thaville, datada de 3 de março de 1972, o sólido respeito entre os correspondentes: “Tive ontem “...” uma emoção inesperada. Fundou-se em Piracicaba, São Paulo, uma Academia Piracicaba de Letras. A cadeira nº 23 tem como patrono... Luís da Câmara Cascudo! Podia esperar que Piracicaba lembrasse deste velho professor jagunço? “...” O acadêmico-fundador da cadeira que tem meu nome chama-se Francisco Vasconcelos “...” (LE MOS, 1972).

Com o escritor pernambucano Sílvio Júlio discutiu, entre 1973-79, a cultura popular. E com a jovem escritora Maria Elvira (Macedo Soares), aspectos históricos, no período 1977-79. Incentivou-a bastante, e afirmava que sua juventude lhe fazia despertar o seu jovem/velho coração. Dizia que mesmo não a conhecendo pessoalmente, lia-lhe a alma através do romance (Samambaia) que ela escreveu. Pede informações para “suas superstições” e diz que para isso promoveu-a ao estado de “vítima indefesa”.

As preocupações cascudianas com a “Batalha da Cultura” na cidade de Mossoró² levou-o a participar dela, tanto na condição de intelectual orador/conferencista, como escritor/historiador (BRITO, 1986). Aliás, o título de “Historiador da Cidade”, conferido à 29 de setembro de 1953, foi decisão da Câmara Municipal. Os acordos para desempenho destas tarefas são discutidos com Vingt-Un Rosado e ficam também registrados através das 18 cartas enviadas para ele, por Cascudo, em diferentes períodos dos anos de 1937-8, 51, 56, 66-8 e 1976, enfatizando sempre a busca de dados para complemento das pesquisas.

Convidado, então, e oficialmente historiador da cidade, aceitou ampliar a história de Mossoró em 1951, mas só inicia a tarefa a 10 de outubro de 1953 para concluir a 3 de dezembro do mesmo ano e publicar, em 1955, as *Notas e documentos para a história de Mossoró*.

² Movimento integrado por intelectuais na cidade de Mossoró/RN e liderado por Vingt-Un Rosado que cria Biblioteca Pública e Museu da Cultura, entre outras preocupações neste sentido.

Antes dele, Francisco Fausto e Vingt-Un Rosado, já haviam escrito sobre o assunto. Com Vingt-Un, Cascudo trocava informações sobre o tema incentivando-o a escrever esta história. Mandava-lhe os dados, geralmente, quando estavam prontos para publicar como artigos de periódicos ou folhetos. Tais produções eram sempre resultantes de conferências, como por exemplo, “Sociologia da Abolição em Mossoró”, ou estudos do tema como: *Duó, Mossoró e Moçoró, Mossoró e Areia Branca, A família Norte-rio-Grandense do primeiro Bispo de Mossoró*, entre outros.

Nos idos de 1938, quando Vingt-Un morava no Recife, Cascudo pediu-lhe dados da Biblioteca Pública (Carta, 29.3.38), como sempre, indicando ao seu informante os mínimos detalhes. Solicitou que copiasse para ele alguns juízos de Spid und Martius e o grande Marcgrav sobre mitos nordestinos “...” e deu as indicações: “HISTÓRIA NATURALIS BRASILIAE (de Piso e Marcgrav, em latim), copiar a página 278-279. REISE IN BRASILIEN (de Spix e Martius, em alemão) copiar a página 1109, do III”. Em seguida faz um POS-SCRIPTUM - “... substituo o Spix e Martius por outro autor em latim “...” É BARLAEUS, pronuncie “Barléos”. Basta pedir assim. O livro tem um título grande que V. verá na Biblioteca Exótica. O que desejo são as páginas 134 e 225 do livro “RERUM PER OCTENNIUM IN BRASILIA etc.” Este também seria o procedimento para a coleta dos dados para o dicionário de topônimos que estava fazendo em 1966 (Carta, 28.6.66): *Nomes da Terra*. Quando Vingt-Un sugeriu a Cascudo que escrevesse a História de Mossoró, Cascudo solicitou condições especiais:

a) V. discute com o prefeito se “ainda” é possível este trabalho; b) acerta com ele o preço do meu trabalho, nem acima das possibilidades do município e nem abaixo do tempo em que vou ser exclusivamente mossoroense; c) ajusta que o município mandará as informações, por cópia ou empréstimo, dos documentos necessários; d) fica o sargento-mor [Vingt-Un Rosado] intimado a ser um colaborador na plana de 100 ou 1.000 por cento (Carta, 22.7.51).

A documentação começou a chegar e ele recebeu a Coleção do Boletim Bibliográfico da Coleção Mossoroense que publicara (mimeografado) as atas de abril de 1864 até dezembro de 1879; As Atas da Câmara Municipal e da Intendência, já datilografadas. Cascudo tinha cópias das Atas de 1880 a 1949, além de termos de posse dos vinte Prefeitos, de Rafael Fernandes a Vingt-Un (1929 a 1953). Atas da Câmara Municipal de Mossoró no Império, Conselho de Intendência na República e Câmara de Vereadores, além de Jornais e Relatórios de Presidentes da Província e do governo municipal.

Nos Arquivos do Instituto Histórico e Secretaria Geral do Estado foi buscar documentos “inéditos de significação curiosíssima sobre a criação da Freguesia e do Município, originais dos processos, com centenas e centenas de autógrafos” que copiou e fielmente transcreveu. Assim procedendo exibia seu estilo de “fazer história”, com forte presença de registro histórico e pioneirismo

nas informações sobre o Rio Grande do Norte, posicionado-se: “Melhor seria, como fiz, reunir esta documentação com algum comentário que tentar a sistemática histórica tão impossível quanto incompleta. Os assuntos essenciais foram analisados com a credencial irresponsável dos originais. As conclusões sob minha responsabilidade pessoal” (CASCUDO, 1955, p.6).

Assumiu, posteriormente, com a família Rosado (Carta, 12.8.66) o compromisso de escrever um livro sobre a vida do seu patriarca: *Jerônimo Rosado* (1861-1930). Para isso, estudou centenas de documentos, atos de administração e cartas íntimas da família, anedotário e ambiente da cidade, além das peripécias do biografado na luta pela Estrada de ferro e pela conquista d’água para aquele município.

Nesses dois trabalhos, Vingt-Un foi o seu informante e Cascudo era incisivo: “Estou começando a enfrentar a montanha documental sobre Jerônimo Rosado e V. vai mastigar brasas com as minhas perguntas. Mande, mande, mande...” (Carta, 4.11.66). Pedia dados por cartas quase diárias, incluindo a genealogia da família que é inserida no trabalho como foi recebida, além de um capítulo elaborado pelo coletor dos dados. Várias destas informações foram repetidas em outros trabalhos, como *História da República no Rio Grande do Norte*, *Notícia histórica do município de Santana do Matos* e artigos da *Acta Diurna*. Escreveria a apresentação deste “documentário” na noite de Natal de 1966, conforme havia prometido a si mesmo (Carta, 22.12.66).

Na meninice de Luís da Câmara Cascudo, que nasceu na capital potiguar, a 30 de dezembro de 1898, onde viveu e faleceu, a 30 de julho de 1986, Natal era uma cidade de 30 mil habitantes, iluminada por 90 candeeiros de querosene, embora desde julho de 1892 os edifícios particulares já houvessem recebido eletricidade. Andava-se a pé ou a cavalo. Só em 1908, a cidade recebeu bonde puxado a burro. Em 1911, chegaram a luz elétrica, telefone e bondes elétricos. Sem biblioteca, o único colégio era o Atheneu do Rio Grande do Norte. O primeiro baile da cidade ocorreu em 1850. Inesquecível foi o Baile Oficial de 2 de dezembro de 1868, onde Natal provou gelo, vindo na barçaça do Recife, e bebida gelada. Festejava-se a subida do partido conservador, do qual seu avô era filiado, e recebera o apelido “Cascudo” daí o nome da família.

No final de 1898, em Paris, nascia o cinema, e as notícias da arte dos *Lumière* já apontavam por aqui em 1901. A moda imitava a arte e o natalense usava capa de lã e seda para os espetáculos à noite e os rapazes jaquetão ou paletó de palha de seda, chapéus de massa ou de castor. Era uma vida romântica, na qual o vento soprava, também em francês, principalmente, porque a cidade foi povoada pelo litoral. O comércio possuía algumas lojas e armazéns, inclusive de produtos importados da Europa, como tecidos, calçados, chapéus, utensílios domésticos, louças, cristais e porcelanas. Os empreendimentos culturais se delineavam. Os livros, quando não importados, eram vendidos na Livraria Cosmopolita, destacando-se, entre os mais vendidos em 1898, as *Lendas e Canções Populares de Juvenal Galeno*. Os jornais chegavam do sul do país com grande atraso, com destaque para *O*

Estado, por publicar fascículos inéditos de Os Sertões, de Euclides da Cunha. Nesse ano foi iniciada a construção do Teatro Carlos Gomes, atual Alberto Maranhão, que veio edificar iniciativas anteriores, como a do Teatro Santa Cruz, destruído num temporal. Estilo *art-noveaux*, com lustres e portões importados de Paris, foi inaugurado em março de 1904.

O porto de Natal, recebia periodicamente navios de passageiros, principalmente, da Companhia Pernambucana, os quais traziam as novidades para a sociedade potiguar e deslizavam pela costa do país, trazendo à cidade, em fevereiro de 1898, um caleidoscópio gigante e, em 16 de abril, pela primeira vez, se exibiu filmes através do cinematógrafo lumierano, prenunciando, a extraordinária diversão. O local da exibição foi a rua do Comércio, depois chamada rua Chile, na Ribeira.

A partir dos anos 40 a Ribeira passa a destacar-se pelo comércio, vida noturna e pela presença dos intelectuais. Cascudo, que nela nascera nunca deixara de frequentá-la. Boêmio, gostava de conversa, da noite, dos amigos, da viola, do violeiro e do coco-de-roda do bairro das Rocas. Sua personalidade aglutinava jornalistas, estudantes, intelectuais, poetas, meretrizes, populares, contadores de causos, como seu informante, “astrônômio”, que lhe falava das lendas-assombrações, encantos e milagres.

Seu pai, costumava reunir os amigos em casa, nos saraus que duravam duas, três noites em torno do *Príncipe do Tirol*, como Cascudo era chamado nesse período. É também, interessante notar, que o cenário da Ribeira remonta-se, no imaginário cascudiano, com características semelhantes a outros espaços/tempos, como o *Café Magestic*, em Natal, ponto de encontro da intelectualidade dos anos 20/30 onde se costumava declamar, escrever versos e trocar ideias lítero-culturais. Nesse café, que substituíra o “Café Potiguarana” fundara-se a “Diocésia”, espécie de Academia de Letras e humorismo de vanguarda, presidida pelo poeta Jorge Fernandes. Foi esse ambiente que abrigou as primeiras ideias do movimento modernista no Rio Grande do Norte, lideradas por Cascudo que se reunira nesse cenário com outros intelectuais, como Manoel Bandeira e Mário de Andrade. Outros cafés também exerceram esse papel, em torno de novos pensamentos, como o “Café Socialista”, na Praça da República, “O Grande Ponto”, e “A Cova da Onça”, com sua tradição nacional de centro político, divulgado em revistas e jornais estrangeiros, bem como, as reuniões do “Café Libertador” na Ribeira, no qual foi discutido o movimento da Abolição dos escravos (CASCUDO, 1946).

Quando estudante rico de Medicina, em Salvador, perambulava no seu carro *Phanton*. No Recife, cursando Direito, após abandonar as ciências médicas, conviveu com amigos intensa boêmia literária. Em 1952, voltaria por mar, no “Pará”, apelidado “Nau Catarineta”, para rever os encantos baianos de outrora, que não existiam mais. Com Recife, a relação seria mais próxima. Frequentava o

café *Lafayette* - rua do Imperador com 1º de março. Grande salão de tradicional café, depois substituído por um Banco em 1943, já em tempos de guerra. Mais tarde, lembraria sua juventude e os poetas, artistas, jornalistas e outros “fascínoras inocentes” conversando, declamando, confidenciando e constituindo a Academia *Mozart* já existente em 1945.

Fora menino *enfermiço*, seus brinquedos não poderiam lhe proporcionar exercícios, mas vida sedentária. Filho único de pais ricos, fora criado com dedicação e temor da difteria que levava seus três outros irmãos na primeira infância. Tal condição conduziu Cascudo muito cedo ao mundo dos livros e da leitura, sua diversão predileta. Em casa, *lia, lia, lia*, revistas, álbuns de gravuras, viagens, curiosidades, desenhos, livros de *estórias* infantis cheios de magia, cavernas de dragões, princesas e cavaleiros valentes que misturavam suas vozes às das amas narradoras.

Aprendeu a ler quase sozinho, aos seis anos, nas páginas do almanaque *Tico-Tico*, as proezas de Chiquinho e Jagunço, Juquinha e Gibi, solfejando as canções de Eustorgio Wanderley, que conheceria no Instituto Arqueológico Pernambucano, emocionando-o porque cantava muitas delas, e no livro *Lição de Cousas*, utilizado no processo de alfabetização das crianças. Sua primeira professora de um único aluno, D. Totônia Cerqueira, fora inesquecível, por lhe ensinar as primeiras letras. Na primeira escola, o *Externato Sagrado Coração de Jesus* as irmãs Andrade-Guilhermina e Maria Emília, ensinaram-lhe as “quatro espécies de contas, esquecidas logo que foi possível”, além do conteúdo da *Cartilha Nacional* e livros de Felisberto de Carvalho.

A rica infância cascudiana proporcionou-lhe muitos brinquedos e livros, vindos do Sul do país ou importados da Europa, presenteados pelos familiares e amigos dos pais, mas em contrapartida não lhe trouxe o companheirismo lúdico. Esta solidão consolidou-se em alguns hábitos manifestados posteriormente, como ele afirma: “falar só, abstração, timidez - repulsa ao grupo, silêncio pelo isolamento, intensidade de vida interior. Lia muito, mais do que apreciava os jogos materiais. Ficava horas e horas imóvel, num cadeirão de braços, com o livro na perna, viajando na imaginação. Deveria ser introvertido, ensimesmado, caladão. Sou ao contrário” (CASCUDO, 1968).

Em 1910, começou a comprar livros, selecionados por ele próprio, ou sugeridos por seus mestres, os primeiros habitantes da sua *Babilônia*, na maioria importados, pela facilidade que tinha seu pai em mandar buscá-los, no exterior. Os professores Pedro Alexandrino e Ivo Filho contribuíram decisivamente para sua formação. Foram estímulo para pensar e *arrumar* suas leituras tanto indicando bibliografia como discutindo ideias. Incentivaram o raciocínio e a decisão intelectual por si próprio e nunca por imposição alheia, o que ele reforça sempre nos seus textos.

Outro mentor da sua formação intelectual foi Henrique Castriciano. Amigo do seu pai e vizinho de chácara, não demorou a chamar à atenção do *Príncipe*, pelo seu refinamento cultural. Indicou-lhe,

principalmente, literatura francesa, portuguesa e brasileira, campos da sua especialidade, adquirida nas viagens à França, Portugal, Suíça e Oriente. Tais novidades literárias eram complementadas por discussões, que os tornaram companheiros, confidentes de leituras e reflexões. Ensinou-lhe “a construir lentamente a cultura diária, pessoal, fontes e não antologias... Fez-me compreender e amar, pelo seu exemplo, todas as formas vivas de trabalho humano; distinguir educação de instrução, cultura de inteligência “...” Com ele acreditei na perpetuidade da sabedoria popular, anterior e básica aos dogmas da ciência” (CASCUDO, 1965, p.29).

O acervo da obra cascudiana, possivelmente se distancie de muitos outros, pois um legado de mais de cento e cinquenta livros publicados, mais de três mil artigos e crônicas e uma correspondência estimada em mais de mil e quinhentas cartas, sem dúvida, demonstra uma produção de quem dedicou a vida às ideias e as ideias à vida. Não obstante as condições socioculturais restritivas da *geração do recado*, em que se situava, praticou sua interlocução com outros intelectuais sem sair de Natal – capital do Rio Grande do Norte, nordeste do Brasil, publicando e atuando também fora da província, inclusive noutros países, mantendo-se atualizado com a produção literária de vários quadrantes do mundo, a partir do intercâmbio de cartas enquanto meio de comunicação. Hoje, personagem no centro do cenário, transmite às novas gerações, os fatos e vivências da história cultural, particularizando o Rio Grande do Norte na história universal do homem, podendo-se, confortavelmente, atribuir-lhe o importante papel social de mensageiro da cultura, um Hermes universal no nordeste brasileiro.

REFERÊNCIAS

Edgar MORIN. *Mes démons*. Stock, Paris, 1994. p. 176-189: uma experiência intelectual.

Francisco de VASCONCELOS. *Câmara Cascudo do Potengi ao Piabanha*. [s.n], Natal, RN; Petrópolis, RJ, 1989 (Traz artigos de Câmara Cascudo publicados no jornal “Tribuna de Petrópolis” no período 1949-1959 e correspondência de Câmara Cascudo com Francisco de Vasconcelos, Sílvio Júlio e Maria Elvira).

Luís da Câmara CASCUDO. A Família Norte-rio-Grandense do Primeiro Bispo de Mossoró. *A Escola*, Mossoró/RN, v.4, n.11, p.1, nov. 1936. Ed. Fac-similar. ESAM, Mossoró/RN, 1991 (Col. Mossoroense. Série B, n. 939).

Luís da Câmara CASCUDO. *Alma patricia*; crítica literária. Atelier Typ. M. Vitorino, Natal, 1921. Ed. Fac-similar. ESAM, Mossoró/RN, 1991. (Col. Mossoroense. Série C, v. 743).

Luís da Câmara CASCUDO. *Anúbis e outros ensaios*: mitologia e folclore. 2. ed. FUNARTE/INF. Rio de Janeiro. Achiamé; Natal: UFRN, 1983.

Luís da Câmara CASCUDO. *DUÓ*: Prefeitura Municipal de Mossoró - SEC, Mossoró/RN, 1966. (Col. Mossoroense. Série B, n. 82) Reedição da *Acta Diurna A República*, Natal/RN, 16 out. 1959

Luís da Câmara CASCUDO. *Entrevista*. 1984.

Luís da Câmara CASCUDO. Hermes em Acaia e a consulta dos oráculos no Brasil. *O galo*: Jornal Cultural da Fundação José Augusto, Natal, RN, v. 11, n. 12, p. 20, dez. 1999.

Luís da Câmara CASCUDO. *História da Cidade do Natal*. Prefeitura do Município do Natal, Natal, 1947. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 3.ed. Natal: IHG/RN, 1999.

Luís da Câmara CASCUDO. *História da República no Rio Grande do Norte*. Ed. do Val, Rio de Janeiro, 1965.

Luís da Câmara CASCUDO. *História do Rio Grande do Norte*. Serviço de Documentação do MEC, Rio de Janeiro, 1955. 2.ed.: ACHIAMÉ, Rio de Janeiro; Fundação José Augusto, Natal, 1984.

Luís da Câmara CASCUDO. *História dos nossos gestos*; uma pesquisa na mímica do Brasil. Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1976. 2.ed. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte; Ed. da USP, São Paulo, 1987.

Luís da Câmara CASCUDO. *Jerônimo Rosado* (1861-1930); uma ação brasileira na província. PONGETTI, Rio de Janeiro, 1967. (Col. Mossoroense. Série C, v. 18) Ed. Fac-similar. ESAM, Mossoró/RN, 1991. (Col. Mossoroense. Série C, n. 689).

Luís da Câmara CASCUDO. *Meleágro*: pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil. 2. ed. Agir, Rio de Janeiro, 1978.

Luís da Câmara CASCUDO. *Mossoró e Areia Branca*. ESAM, Mossoró/RN, 1991. (Col. Mossoroense. Série B, n. 1083) Fac-símile dos artigos publicados na Revista Potyguar, v. 2, n. 7, p. 5-9, ago. 1937; v. 3, n. 14, p. 13-17, mar./abr. 1938.

Luís da Câmara CASCUDO. Mossoró e Moçoro. In: CASCUDO, Luís da Câmara; MELO, Mário. *Mossoró e Moçoro*. ESAM, Mossoró/RN, 1991. (Col. Mossoroense. Série B, n. 945).

Luís da Câmara CASCUDO. *Na ronda do tempo*; diário de 1969. Imprensa Universitária, Natal, 1971. Edição comemorativa dos 100 anos (1898-1998) de Luís da Câmara Cascudo. EDUFRN, Natal, 1998.

Luís da Câmara CASCUDO. *Nomes da terra*; história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto, Natal, 1968.

Luís da Câmara CASCUDO. *Nosso amigo Castriciano* (1874-1947); reminiscência e notas. Imprensa Universitária, Recife, 1965.

Luís da Câmara CASCUDO. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. Departamento de Imprensa, Natal, 1955. (Col. Mossoroense. Série C, v. 2).

Luís da Câmara CASCUDO. *Notícia histórica do município de Santana do Matos*. Departamento de Imprensa, Natal, 1955.

Luís da Câmara CASCUDO. *O tempo e eu*; confidências e proposições. Imp. Universitária, Natal, 1968. Edição comemorativa dos 100 anos (1898-1998) de Luís da Câmara Cascudo. EDUFRN, Natal, 1998.

Luís da Câmara CASCUDO. *Ontem; maginações e notas de um professor de província*. UFRN, Ed. Universitária, Natal, 1972. Edição comemorativa dos 100 anos (1898-1998) de Luís da Câmara Cascudo. EDUFRN, Natal, 1998.

Luís da Câmara CASCUDO. Os nossos cafés. *A República*, Natal/RN, 27 set. 1946.

Luís da Câmara CASCUDO. *Pequeno manual do doente aprendiz*; notas e maginações. Ed. Universitária, Natal, 1969.

Luís da Câmara CASCUDO. Responder cartas: *A República*, Natal, RN, 7 jul.1943. (Acta Diurna).

Luís da Câmara CASCUDO. *Superstição no Brasil*. Itatiaia, Belo Horizonte; EDUSP, São Paulo, 1985. 2.ed. Global, São Paulo, 2001.

Luís da Câmara CASCUDO. *Tradições populares da pecuária nordestina*. MA - Serviço de Informação Agrícola, Rio de Janeiro; Fundação José Augusto, Natal, 1956.

Luís da Câmara CASCUDO. *Uma história da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte*. Fundação José Augusto, Natal, 1972.

Pierre LÉVY. *As tecnologias da inteligência*; o futuro do pensamento na era da informática. Ed. 34, Rio de Janeiro, 1993.

Raimundo Soares de BRITO (Org.). *Apostila do afeto: Câmara Cascudo (cartas a Raimundo Nonato) -1972-1979*. ESAM/ FGD, Mossoró, RN, 1986. (Col. Mossoroense. Série C, v. 336).

Raimundo Soares de BRITO (Org.). *Luís da Câmara Cascudo e a batalha da cultura.*: ESAM/ FGD, Mossoró, RN, 1986a (Col. Mossoroense. Série C, v. 377). [Cartas de Cascudo a Vingt-un Rosado entre 1937 e 1976].

Thadeu Villar de LEMOS (Org.). *Mensagens de Câmara Cascudo e Cosme Lemos*. Rio de Janeiro: PONGETTI, 1972. (Cartas de Câmara Cascudo e Cosme Lemos para Thadeu Villar de Lemos).

Thadeu Villar de LEMOS; L.C. CASCUDO; C. LEMOS. *Três amigos: Câmara Cascudo (o mestre), Cosme Lemos e Thadeu Villar de Lemos (Thaville)*. [s.l.:s.n.], [198?] (Cartas de Cascudo enviadas a Thaville e a Cosme Lemos).

Thomas BULFINCH. *O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis*. 2. ed. Ediouro, Rio de Janeiro, 1999.

Vânia GICO. *Luís da Câmara Cascudo: bibliografia comentada 1968/1995*. EDUFRN, Natal, 1996.

Veríssimo de MELO (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Villa Rica, Belo Horizonte; Rio de Janeiro, 1991.

Veríssimo de MELO. *A obra folclórica de Cascudo como expressão do movimento modernista no Brasil*. ESAM/ FGD, Mossoró, RN, 1989. (Col. Mossoroense, série B, n. 643).

Zila MAMEDE. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968: bibliografia anotada*. Fundação José Augusto, Natal, 1970. 2. v. em 3.

GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste do brasileiro. In: SÁEZ, Carlos; GÓMEZ, Antonio Castillo (Org.). **La correspondencia en la Historia**: modelos y prácticas de escritura epistolar. *Actas del Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita*, 6. Madrid, ES: Calambur, 2002. (Biblioteca Litterae, 3). v.1. ISBN 84-96049-02-7. p.419-435.